

06-08-2024

NOTA DE REPÚDIO EM DEFESA DO ANTIGO POVO DO EGITO

Cristiano Galvão

[Diretor de Saúde - Sindicato dos Correios/RJ]

Prezados leitores, compartilho uma indignação que me acompanha há anos a respeito de uma situação que considero injusta com o povo egípcio. Este povo sofreu com a intervenção no mínimo tirana por parte de dois opressores em insana disputa, em que o principal atingido, como sempre, foi a população que sofreu e pagou a fatura da disputa. Antes de entrar no mérito, devemos considerar que tal tirania, que levou sérios reveses àquela população na época, é até hoje tida como uma honraria, grande vitória, ato de triunfo largamente recitado em clamores, cânticos, palestras, livros e tudo mais que explora o tema, sempre tido como algo a ser glorificado. Principal razão da minha indignação. Recorro à escrita para fazer uma pequena defesa do injustiçado povo egípcio que, por volta do ano 1.300 antes da Era Comum, foi vítima de uma disputa - o chamado "Êxodo do Egito" -. Segundo relatos nas inúmeras e controversas traduções de tal história, todas se retratando como autênticas, originais e verdadeiras, havia interesse divino que o "seu povo" (os hebreus) saísse do Egito e fosse para outra terra, usando um mensageiro para persuadir o principal soberano do território, no caso o faraó, e permitisse a saída do povo. Porém, como era de se esperar por parte de qualquer simples mortal, o faraó não permitiu que o povo partisse. Começa então a penúria daquele povo, pois, os egípcios em nada poderiam intervir nas decisões do faraó, já que este não alçara o posto através da livre escolha democrática. Ou seja, ele não era faraó através de eleições, do voto popular, tampouco havia referendo na época onde o povo pudesse influenciar a decisão faraônica. Mesmo assim, sofreu com as ditas intervenções divinas que lançaram na região 10 pragas. Como se também, olhando pelo lado religioso / espiritual, não fossem parte da criação divina e oriundas de um mesmo princípio divino do qual o povo também era parte.

A divindade em questão é imposta como única e absoluta, portanto, são também parte da criação o povo egípcio e seus filhos. Ou será que são filhos de outro deus ou deuses, contrariando o monoteísmo?!

Isso dentro da lógica que o texto relata (*se é que se pode achar lógica; mas isso pode ser debatido em outro momento*). O que me traz aqui é a minha contrariedade diante das injustiças que os egípcios sofreram pela disputa entre dois "senhores" - um carnal e outro divino - por conflitos de vontades, interesses distintos e sem chegar a um consenso. Com isso, o "divino" usa seus poderes para pressionar o faraó.

Porém, em algumas das inúmeras traduções, "...o coração do faraó foi endurecido pelo próprio deus..." para que não os libertasse e assim continuasse em sua posição de poder. A Bíblia (*livro Êxodo do Antigo Testamento*) narra que as dez pragas foram: "águas do rio Nilo que se tornaram sangue, infestação de rãs; de piolhos; de moscas;

peste no gado; úlceras nas pessoas; chuva de pedras; infestação de gafanhotos; escuridão; e a morte dos primogênitos das famílias egípcias." Certamente, não se faz necessário entrar nos detalhes de cada desdobramento. Quem quiser pode procurar na fonte citada, mas precisa de estômago para ler. Quem já leu, sugiro que releia com um olhar mais crítico e humano, ou crie melhores argumentos para justificar tamanha atrocidade, pois, como sempre, o real penalizado foi o povo. Os líderes monarcas do alto de suas realzas, sejam estas exercendo um poder temporal, ou divinal como querem alguns, não se penalizam com o sofrimento da população. Esta, além de sofrer com os desmandos do tirano que as oprime, é obrigada a suportar as intervenções dos que os tenha como inimigo de forma gratuita. Apenas por não nascerem no mesmo solo que o outro tirano, como se o povo escolhesse onde nascer e quem será seu soberano. As barbaridades sofridas pelos egípcios na época não são levadas em conta na história das religiões monoteístas. Pelo contrário, tal ato é comemorado pelos que torcem fanaticamente pelos hebreus. Infelizmente, não levam em conta que aquele povo não tinha escolha sobre as decisões do faraó e sofreu sem culpa. Há relatos, que se forem reais, aumentam mais a tirania desse feito. É dito que alguns populares pediam que libertasse o povo hebreu para se verem livres de todo aquele terror implantado pela divindade do povo hebreu. E tais apelos obviamente não foram ouvidos por nenhum dos dois tiranos. Sobre o faraó, não se chega a um consenso se agiu por teimosia egocêntrica ou pelo "endurecimento de coração causado por intervenção divina". O divino tampouco levou em consideração os apelos daqueles que, no completo desespero, desejavam que suas exigências fossem atendidas. O que acarretou maiores dores e sofrimentos levando ao ponto da cruel atitude de sangrar de morte todos os primogênitos egípcios, adultos, crianças ou mesmo recém nascidos, penalizados por algo que nem sequer tinham consciência. Diante de tamanha injustiça não me resta prestar solidariedade e demonstrar minha inconformidade a todos que reverberam tal evento com glamour e satisfação.

.....

Devemos repudiar todos os atos de tirania, de imposições, devemos no mínimo demonstrar solidariedade diante de catástrofes e, principalmente, de massacres, cometidos por seja lá quem for. Registro minha indignação com o ato e com os que endeusam esse feito na esperança que tudo não passe de mais um conto tido como verdade, e que estejam profundamente enganados. Já que o resumo dessa estória é um povo oprimido, pagando pelo ato do seu opressor e, talvez, tenha sido induzido pelo deus a agir daquela forma. Porém se tal ser tem a capacidade e poder para cometer tudo isso, porque então não usou tal poder para dissuadir o faraó e submetê-lo à sua vontade preservando o povo de tamanho massacre, medo, dor e infanticídio? Sinceramente rezo que isso seja uma fábula.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.